

INTRODUÇÃO AO MATERIALISMO DIALÉTICO

I - Introdução

O marxismo está intimamente ligado a uma filosofia e a um método. Esse método é o materialismo dialético e torna-se fundamental entendê-lo, não só para refutar as explicações burguesas sobre o mundo que nos cerca, como também para formular ações que conduzam a formas de luta eficazes no sentido da emancipação da classe trabalhadora. Lênin dizia que “sem teoria revolucionária não há prática revolucionária”.

Isto significa que, antes de mais nada, é imprescindível associar a teoria à prática.

O que é prática? Significa o ato de realizar, de transformar em realidade o que se pensa ou projeta. O que é a teoria? É o conhecimento abstrato daquilo que queremos realizar.

É necessário um método que não seja dogmático, um método que leve em conta fatos e circunstâncias que nunca são os mesmos e que não separe a teoria da prática, que pense a vida na sua mais constante fluidez

I.1 - O que é filosofia?

A filosofia surgiu na Grécia por volta do século V antes de nossa era. Filosofia é uma palavra grega que provém da junção de duas palavras: *philo* (amor ou amizade) e *sophia* (saber ou sabedoria). A filosofia foi a forma encontrada pelos gregos para superar as explicações mitológicas sobre o mundo, baseadas em histórias fantásticas ou em crenças mitológicas, pois ainda não haviam as ciências propriamente ditas e o conhecimento da natureza e seus múltiplos fenômenos era muito rudimentar. Através da filosofia busca-se compreender o mundo e a existência dos homens de modo racional e sistemático. Ao contrário das ciências, que focam a sua análise em um determinado campo, especificando o entendimento humano sobre o mundo e a origem de todas as coisas, a filosofia nasceu e continua sendo uma disciplina que busca dar respostas totalizantes acerca da realidade, generalizando e entrelaçando as relações entre as conquistas das ciências naturais e sociais.

Qual é a relação entre a consciência humana e a realidade que nos rodeia? Que lugar ocupa o homem no mundo? De que modo o vai conhecendo? Todas estas questões constituem o fundamento da concepção de mundo, quer dizer, de todo um sistema de representações e conceitos do mundo.

O Problema Fundamental da Filosofia. A pergunta fundamental da filosofia apresenta-se sob variados aspectos, porém, é importante reconhecer sempre a maneira como se coloca a relação entre a matéria e a consciência. Sempre nos vemos diante de respostas que assumem uma concepção materialista ou idealista. Diante da pergunta fundamental da Filosofia, ou seja, se é o pensamento, a ideia, ou a matéria, a realidade, que determina a nossa compreensão do mundo, os filósofos foram levados a ter duas posições distintas.

Os primeiros homens, diante dos fenômenos naturais e os questionamentos que surgiam sobre a sua origem e também sobre a origem de todos os fenômenos e coisas existentes, acabavam atribuindo a entes com poderes extraordinários a origem (criação) de todas as coisas. Os mitos e fábulas e os rituais presentes na formação de todos os modelos de sociedades antigas são exemplos desse tipo de explicação do mundo.

Esse tipo de raciocínio, baseado em ideias fantásticas, acabou desenvolvendo nos homens a concepção de que em nós coexistia um duplo ser: um que agia, construía, caçava, etc, e outro do qual derivavam os nossos pensamentos, sonhos, desejos, etc.

Dessa maneira, um ser composto de corpo (matéria) e alma (pensamento ou ideias) foi a primeira forma como os homens se definiram.

Acreditavam eles que, sendo o mundo e os fenômenos do mundo regidos ou justificados por deuses, os nossos pensamentos e a nossa existência também o eram e, ao perceberem a finitude do corpo (matéria) com a morte biológica, chegaram à conclusão que a essência do homem residia em sua alma e que esta transcendia a materialidade, como os deuses ou seres sobrenaturais que explicavam a existência do mundo.

Os que adotavam uma explicação não científica sobre o mundo formavam o grupo dos idealistas. Aqueles que procuravam dar uma explicação científica do mundo e concebiam que a natureza, a matéria, era ao elemento principal pertenciam às diferentes escolas do materialismo.

I.2 - O Idealismo.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer algumas confusões criadas pela linguagem corrente. Chamamos, às vezes, alguém de idealista, quando este se dedica a uma causa, a um ideal, e passa a perseguir esse ideal durante boa parte de sua vida ou mesmo a vida toda. O idealismo filosófico possui outra conotação. O idealismo filosófico é uma doutrina que procura ter por base a explicação do mundo pelas ideias, pelos conceitos ou pelo espírito. É a doutrina que diz ser o pensamento (consciência), a ideia, aquilo que determina o mundo e aquilo que produz e determina a existência do ser, das coisas. As religiões foram as primeiras formas de manifestação do idealismo. Segundo a argumentação idealista, somente concebemos a existência da natureza e das demais coisas graças às nossas sensações, que se manifestam em nosso espírito e não possuem qualquer sentido fora dele. A realidade só existe devido às ideias e conceitos que fazemos dela e que residem em nosso espírito. Sendo assim, se não existíssemos, a realidade também não existiria.

Se considerássemos este raciocínio com rigor, poderíamos deduzir que cada um é um ser único a existir, uma vez que, não conhecendo os outros homens a não ser pelas ideias, eles seriam meras ilusões ou fruto de nosso pensamento. Os argumentos básicos do idealismo são: 1º) O espírito cria a matéria. 2º) O mundo não existe fora do nosso pensamento. 3º) São as nossas idéias que criam as coisas.

I.3 - O Materialismo.

Se o idealismo originou-se das formas mais primitivas de conhecimento e da tentativa de explicar o mundo sem bases científicas plenamente desenvolvidas, aliadas à manutenção da ignorância durante séculos, seja por forças culturais seja por forças políticas, com vistas à dominação de classe, o materialismo surge da luta das ciências contra tais formas primitivas de conhecimento e contra o desvirtuamento da verdade pelos grupos dominantes com o propósito de reproduzir o *status quo*.

É por isso que esta filosofia foi tão combatida e é também por isso que, sob a forma avançada do materialismo dialético, é pouco conhecida. A concepção

materialista está ligada à própria história da filosofia. Na antiguidade grega, os primeiros filósofos, também chamados de pré-socráticos ou filósofos da natureza, buscavam encontrar respostas para a origem e a essência do mundo. No estudo da *Phisys* (natureza), muitas das descobertas feitas pelas observações e estudos destes filósofos estruturaram, ainda que timidamente, o surgimento de algumas ciências. Naquele momento, ciência e filosofia constituíam uma só disciplina. Mesmo assim, diversos filósofos passaram a ver, na materialidade do mundo, o sentido para a compreensão da própria natureza e das ideias produzidas sobre ela.

Agora vejamos o que se entende por **matéria**. Matéria seria a realidade exterior e independente do nosso entendimento e que não necessita deste para existir. Segundo Lênin, em *Materialismo e Empiriocriticismo*, “a noção de matéria exprime apenas a realidade objetiva que nos é dada na sensação”. Como se manifesta a matéria? Toda matéria existe no espaço e em um dado momento no tempo e, por sua vez, está em movimento.

O que propõe o materialismo? O materialismo é a concepção filosófica que trata o ser, a realidade material, como o elemento que determina o nosso pensamento, as nossas ideias e a nossa vida. Para o materialista, as respostas para os fenômenos físicos e sociais estão contidas nesses mesmos fenômenos. As ideias e concepções que a nossa mente projeta sobre o mundo estão determinadas pela existência não do pensamento, mas pela existência material dos objetos à nossa volta, e estes incidem sobre nós quando nos relacionamos com eles.

Por exemplo, para um idealista, a origem do homem está contida na ideia da criação divina; já para um materialista está contida na teoria do evolucionismo de Charles Darwin, ou seja, da evolução das espécies vivas que se deu ao longo de séculos de coexistência entre estes seres vivos e o meio em que viveram.

O Materialismo Mecanicista. Chama-se materialismo mecanicista o tipo de concepção materialista comum do século XVIII, que era determinado principalmente pela lógica da mecânica, ciência que na época havia atingido uma forma mais sofisticada. Esse tipo de materialismo considerava a realidade como uma grande engrenagem mecânica, considerando as leis da mecânica como base para se compreender a natureza e as relações sociais. Esse tipo de materialismo ignorava a história em geral e o desenvolvimento que nela se manifesta. Tanto a natureza quanto os homens estariam sujeitos a um movimento de causa e efeito repetitivos, tais como o movimento de uma máquina, que, para se movimentar, possui uma causa específica (por exemplo, a queima de um combustível) e um efeito específico e sempre esperado.

Esse tipo de materialismo possuía ainda um terceiro erro: era contemplativo, não considerando o papel da ação do homem no mundo e na sociedade. Pensava-se que o homem era um mero produto do meio. Marx, por sua vez, demonstra que o meio é um produto do homem, um produto de sua própria atividade a partir de certas condições historicamente constituídas. Antes de compreendermos a fase mais avançada da concepção materialista (o materialismo dialético), é necessário que compreendamos o significado do pensamento metafísico e da dialética.

I.4 - A Metafísica e o Método Metafísico.

A metafísica ou pensamento metafísico surgiu na Grécia antiga, na perspectiva de responder perguntas sobre a realidade e sobre a sua essência, aquilo que é condição fundamental de tudo o que existe. Parmênides de Eléia, filósofo pré-socrático que viveu por volta da segunda metade do século VI até a metade do século V, é considerado um dos fundadores do pensamento metafísico. Para ele, a busca sobre o conhecimento do mundo e sobre a realidade esbarrava na mudança constante do estado das coisas e nos enganos a que os nossos sentidos poderiam nos levar.

Como compreender um mundo no qual pela manhã um fruto está verde e à noite está maduro, um homem que queima em febre, mas geme de frio? Para Parmênides, somente através do pensamento é que o homem seria capaz de compreender a verdade e a essência do mundo. Tal “essência” deveria ser sempre idêntica a si mesma, imutável, eterna e, ao mesmo tempo, invisível e imperceptível aos nossos sentidos. Só assim, através do pensamento, é que teríamos acesso à verdade das coisas.

Essa formulação de Parmênides ganhou diversos adeptos, entre eles Platão, e pode ser traduzida como a 1ª característica da metafísica, ou seja, o **princípio da identidade**, que consiste em preferir a imobilidade ao movimento e a identidade à mudança. Deste método resulta toda uma concepção do mundo.

Daí surgem teorias segundo as quais os homens são sempre os mesmos, as sociedades são sempre iguais, sempre houve ricos e pobres e sempre haverá diferenças sociais, pois homens e mulheres sempre possuíram e possuirão funções distintas em sociedade. Essa concepção da identidade procura dissipar a ideia de mudança, de transformação.

A partir do momento em que a metafísica só concebe as coisas e a realidade em sua identidade, isso acaba levando o nosso pensamento a separar tudo aquilo que não for idêntico e a não relacionar as coisas. Daí resulta a segunda característica do método metafísico: o **isolamento das coisas**. Normalmente, somos levados pelo hábito a classificar as coisas e a isolá-las, separá-las uma das outras, não vendo nestas traços em comum ou relações mútuas. Os que não são marxistas costumam separar o Estado em geral do tipo de sociedade, a cultura da política ou da economia. O mesmo erro ocorre quando se fala do homem sem levar em consideração a sua relação com os outros e com o meio em que ele vive. Esse tipo de procedimento faz-nos ignorar as possíveis relações que as coisas ou áreas de estudo podem ter umas com as outras.

A terceira característica seria a das **divisões eternas e intransponíveis entre as coisas**. Tal concepção consiste em separar e classificar as coisas, considerando não haver possibilidade de se estabelecer conexões com outras coisas que possam explicar a sua existência e sentido. Por exemplo, quando alguém estuda o Estado conforme apenas um elemento jurídico, isolando-o do conjunto de relações históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais que determinam a sua realidade.

É importante ter claro que não é pelo simples fato de introduzir divisões que se é metafísico e, sim, pelo modo como se estabelecem as diferenças, as relações entre as divisões. É assim que percebemos seu conteúdo metafísico. Quando um professor demonstra aos alunos que há na sociedade capitalista uma divisão básica entre duas classes, a dos proprietários (burguesia) e a dos proletários (detentores da força de trabalho) e explica as relações de dependência econômica entre estas classes, as quais, por sua vez, podem ser transformadas, produz uma análise que apresenta a interrelação existente

entre partes a priori distintas, mas que estão ligadas a um mesmo processo de produção econômica.

Agora, se este mesmo professor ensinasse que, nas sociedades antigas e inclusive na capitalista, sempre existiram ricos e pobres e sempre existirá essa divisão, que estas classes são distintas e não se relacionam, refutando qualquer possibilidade de mudança, aqui se verifica uma típica maneira metafísica de raciocinar. É uma forma de classificar para sempre as coisas independentes uma das outras e de estabelecer entre elas divisões, muros intransponíveis.

A quarta característica do método metafísico é a **oposição dos contrários**. Ao estudar as três primeiras características da metafísica (princípio da identidade, o isolamento das coisas e divisões externas e intransponíveis), chegaremos à conclusão que, para o método metafísico, as coisas são diferentes umas das outras e, sendo assim, são diferentes e contrárias. Para um metafísico, a vida é a vida, e a morte é a morte, são oposições indissociáveis. É impossível que se esteja morto e vivo ao mesmo tempo, pois estes conceitos são contrários e se excluem. Buscar uma terceira alternativa, na visão metafísica, seria um absurdo lógico, uma impossibilidade. Esse raciocínio é justamente a oposição dos contrários.

A análise marxista é completamente diferente. Para um marxista, a ditadura do proletariado é, ao mesmo tempo, a ditadura da classe trabalhadora, do povo sobre os interesses da burguesia e é a forma política mais democrática, pois corresponde aos interesses da maioria da população. A vida, por sua vez, contém a morte em si, pois a cada dia milhares de células morrem para que outras as substituam. Da mesma forma, em um cadáver, certas células conseguem sobreviver por algum tempo, e novos organismos se desenvolvem da matéria em decomposição. Para o marxista, ao contrário dos metafísicos, tudo muda e está em constante movimento. “Para o metafísico, as coisas e os seus reflexos no pensamento, os conceitos, são objetos de estudos isolados, a considerar um após outro e um sem o outro, fixos e rígidos, dados de uma vez para sempre. Pensa apenas em antíteses, sem meio termo.

Diz: sim, sim, não, não e o que está para além disso, nada vale. Para ele, uma coisa existe ou não existe; uma coisa não pode ser ao mesmo tempo ela própria e uma outra.

O positivo e o negativo excluem-se absolutamente; a causa e o efeito opõem-se de maneira completamente rígida.” (Engels, *Anti-Duhring*).

A Concepção Metafísica da Sociedade. Muitos filósofos e economistas reconhecem as mudanças econômicas e sociais, mas consideram o regime capitalista como definitivo, eterno e chegam a compará-lo a uma máquina. Fala-se também da “máquina política” da democracia burguesa, que ora esquerda, ora direita se revezam para conservar as engrenagens do capitalismo, para que este funcione sempre. Essa tese nega qualquer possibilidade de mudança e tenta justificar e acomodar os questionamentos sobre o capitalismo. No mesmo sentido, encontramos pessoas afirmando que a história é uma contínua repetição, para as quais nunca há mudanças, mas um conhecido e repetitivo movimento mecânico.

I.5 - Introdução ao estudo da Dialética. Parte histórica.

A palavra dialética vem do grego e quer dizer “apto à palavra” ou “movimento de idéias”.

Na Grécia antiga, a dialética era a arte do diálogo e, aos poucos, passou a ser a arte de, através do diálogo, demonstrar uma tese por meio de argumentações capazes de definir claramente os conceitos envolvidos.

Heráclito de Éfeso (cerca de 540 a 480 antes de nossa era) é considerado, pela maioria dos historiadores, o “pai da dialética”, pois afirmava que a realidade (a natureza) é um perpétuo vir a ser, um constante movimento das coisas que são ao mesmo tempo elas mesmas e as coisas contrárias, que se transformam umas nas outras. “É uma mesma coisa ser vivo e ser morto, desperto ou adormecido, jovem e velho, essas coisas se transformam umas nas outras e são de novo transformadas” (*Fragmento 88 – Coleção Os Pensadores*). Para Heráclito, a dialética está na estrutura contraditória do real. As afirmações de Heráclito, inovadoras e polêmicas para a sua época, causaram variadas manifestações entre os filósofos, pois ele propunha ao mesmo tempo a mudança e a contradição como a “essência” da natureza e dos homens, negando as leituras que se baseavam na ideia de imutabilidade, de permanência a uma só identidade.

Decerto suas teses influenciaram o modo de proceder do pensamento grego. A concepção dialética, entretanto, carente de conhecimentos científicos que só seriam desenvolvidos séculos mais tarde, acabou sendo perpassada pela forma de análise metafísica. Durante a Idade Média, devido à influência dos estudos dos textos gregos, alguns teólogos trataram a dialética como um exercício de contraposição de idéias e argumentos até se chegar a um conceito que fosse irrefutável racionalmente e correspondesse à fé cristã.

Com a Renascença e a valorização do homem como o centro do universo, através do movimento humanista, o pensamento filosófico e especulativo conseguiu se desprender da teologia e passou a refletir sobre os fenômenos físicos, sociais e políticos sem a tutela dos dogmas religiosos. Pensadores como Galileu Galilei, Giordano Bruno, Maquiavel, Montaigne e mesmo Thomas Hobbes contribuíram, através de suas análises, com a retomada da concepção dialética, ressaltando elementos típicos da dialética, tais como: as idéias de contradição, mediação, transformação e movimento constante.

Durante o Século XVIII, o Iluminismo, corrente filosófica que correspondia aos interesses da burguesia em ascensão, contrapunha-se à intervenção dos dogmas religiosos nas ciências e na explicação da sociedade e da política. Na França, filósofos como Diderot e Rousseau demonstravam que eram os conflitos e as contradições sociais que moviam tanto a política quanto a própria sociedade e que os indivíduos de uma sociedade influenciavam na formulação do modelo dessa sociedade, assim como eram influenciados por ela.

Mas foi com Georg Wilhelm Friedrich **HEGEL** (1770 a 1831) que a concepção dialética foi retomada, num patamar que resgatava o pensamento iraquiano. Para Hegel, o que rege o nosso conhecimento e a nossa razão seria a existência de um Espírito Universal que se exterioriza na natureza e na cultura. Esse Espírito seria a razão, o logos e a partir do momento em que ele se move e opera no universo, ele o descobre e o transforma. Ao transformar o universo, esse “Espírito” se reconhece em suas obras e adquire um maior conhecimento de si e do mundo, elevando-se a um estágio superior de entendimento. A

História seria o resultado da ação do “Espírito Absoluto” sobre o mundo, manifestando-se através de suas obras (artes, ciência, técnicas) e de instituições (religião, filosofia, leis, etc). A Dialética ou Ciência da Lógica, como Hegel também definia a dialética, seria o método pelo qual o Espírito Absoluto se reconheceria ao operar sobre o mundo. Todas as vezes que o Espírito Absoluto opera no mundo, ele reflete a si mesmo, reconhecendo-se e superando as formas anteriores. Tal manifestação pressupõe a contradição como princípio que estabelece a relação entre o Espírito Absoluto e o Universo, ou seja, ao invés de entender a contradição como algo absurdo e destrutivo, Hegel vê nela a condição de existência e transformação dos sujeitos.

Vejam como operaria a dialética, segundo Hegel. Quando a nossa consciência se refere a um determinado objeto, ela parte de uma ideia pré-estabelecida. A partir dessa ideia, a razão opera mudanças através da ação, transformando a natureza do objeto. O objeto modificado assume um novo patamar, mais elevado e isto, por sua vez, incide sobre a nossa consciência, elevando o nosso entendimento sobre este objeto. O novo entendimento ou consciência sobre o objeto, por sua vez, será o ponto de partida para uma nova interpretação do mesmo, o que, através da ação, entendida por Hegel como história, irá modificar novamente a forma do objeto e assim por diante.

A superação dialética é um processo no qual se dá, simultaneamente, a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a sua elevação a um nível superior. É fácil perceber que o dínamo desse processo é o movimento do pensamento, que determina a realidade e esta, por sua vez, modificada, retorna ao pensamento e o modifica. Mesmo reconhecendo a importância do trabalho como elemento de transformação, Hegel desenvolve sua concepção de dialética numa base idealista, ou seja, a ação do espírito é o que move e transforma a matéria.

Foi com Karl **MARX** (1818-1883) e Friederich **ENGELS** (1820-1895) que a concepção dialética pôde superar a abordagem idealista do início do século XIX. Marx e Engels concordavam com a observação de Hegel de que o trabalho era a mola que impulsionava o desenvolvimento e de que o pensamento e o universo estão em perpétua mudança, mas discordavam de que as mudanças no campo das ideias seriam determinantes para a definição da realidade. Ao contrário, para eles, são as mudanças ocorridas no nível da realidade material que determinam as mudanças em nossas ideias. Criticavam ainda a unilateralidade da concepção hegeliana do trabalho, pois Hegel dava importância em demasia ao trabalho intelectual e não considerava a significação do trabalho físico, material.

Marx e Engels atribuíram à dialética proposta por Hegel uma interpretação materialista, invertendo sua análise de caráter idealista. Não seria mais o “Espírito Absoluto” a ideia que determinaria a realidade, mas a realidade é que determinaria nossas ideias e concepções; a consciência seria determinada pela forma como o nosso ser exprime a sua vida produtiva, naquilo que ele produz e como produz. Sendo assim, o trabalho e a práxis teriam um papel fundamental na formação da consciência social. Marx e Engels retiraram da dialética todo o revestimento idealista e a aplicaram sobre uma base de entendimento da realidade que parte da concepção materialista como patamar para se analisar a sociedade. Nos últimos anos de vida de Marx, enquanto ele se esforçava para tentar acabar de escrever *O Capital*, Engels redigiu diversas anotações sobre questões relativas à dialética materialista ou ao materialismo dialético.

A grande preocupação de Engels era defender o caráter materialista da dialética e, em seus estudos, ele chegou à conclusão de que as leis gerais da dialética (comuns tanto à história humana como à natureza) podiam ser reduzidas, no essencial, a três bases: 1º) Lei da negação da negação; 2º) Lei da interpenetração dos contrários; 3º) Lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice versa).

I.5.1 - As Leis da Dialética.

Primeira Lei: a mudança dialética. A primeira lei da dialética começa por constatar que “nada fica onde está, nada permanece o que é”. Quem diz dialética diz movimento, mudança. Por conseguinte, colocar-se do ponto de vista da dialética significa colocar-se no ponto de vista do movimento, da mudança. Quando quisermos estudar as coisas segundo a dialética, iremos estudá-las nos seus movimentos, na sua mudança.

Para situar bem esta maneira de ver as coisas, vamos tomar dois exemplos: a terra e a sociedade. Colocando-nos do ponto de vista metafísico, descreveremos a forma da terra em todos os seus detalhes. Constataremos que, na sua superfície, há mares, terras, montanhas. Estudaremos a natureza do solo. Depois poderemos comparar a terra aos outros planetas e à lua e concluiremos, enfim: a terra é a terra. Mas, ao estudarmos a terra do ponto de vista dialético, veremos que ela não foi sempre o que é, sofreu transformações e sofrerá no futuro outras mais. Devemos considerar que o estado atual da terra é uma transição entre as mudanças passadas e as futuras.

Quanto ao exemplo da sociedade, do ponto de vista metafísico, dir-se-á que sempre houve ricos e pobres e será feita uma descrição detalhada da sociedade capitalista, comparando-a com as sociedades feudal e escravista, buscando ver as semelhanças e as diferenças. A conclusão será: a sociedade capitalista é o que é. Do ponto de vista dialético, aprenderemos que a sociedade capitalista não foi sempre o que é. Se constatarmos que, no passado, outras sociedades existiram durante um certo tempo, será para deduzir que a capitalista, como todas as outras, não é definitiva, não tem base intangível, mas, pelo contrário, é para nós uma realidade sempre provisória, uma transição entre o passado e o futuro.

Por estes exemplos, considerar as coisas do ponto de vista dialético é considerar cada coisa como provisória, como tendo uma história no passado e devendo ter outra no futuro, tendo um começo e devendo ter um fim. Portanto, colocar-se do ponto de vista dialético é considerar que nada é eterno, salvo a mudança. É considerar que nenhuma coisa particular pode ser eterna, senão o “devir”.

O processo. Quem diz dialética não diz apenas movimento, transformação, mas autodinamismo, transformação operada por forças internas. Pois nem todo movimento é dialético. Se tomarmos uma pulga e a esmagarmos, haverá para ela uma mudança.

Mas será uma mudança dialética? Não, pois, sem nós não seria esmagada. Esta mudança não é dialética, mas sim mecânica. Devemos, portanto, prestar muita atenção quando falamos em mudança dialética. Um dialético deve procurar nos fatos o que as coisas foram antes, observando os detalhes mais ínfimos para captar as mudanças e descobrir de onde elas vêm. Para se descobrir o autodinamismo, é preciso estudar as coisas e é por isso que a dialética e as ciências estão intimamente ligadas. Para se

explicar dialeticamente as coisas, é preciso estudá-las bem, pesquisando sua história, seus processos de formação e transformação, em relação aos homens e às outras coisas existentes.

Segunda Lei: a ação recíproca. O encadeamento dos processos. Ao contrário da metafísica, a dialética não considera as coisas na qualidade de objetos fixos, acabados, mas enquanto movimentos. Para ela, tudo está em condições de se transformar, de se desenvolver. Nestas transformações, o papel dos homens é o de acelerar as transformações, dar a elas um sentido, uma direção.

Terceira Lei: a contradição. Vimos como a dialética considera as coisas como em perpétua mudança. Isto é possível porque tudo é o resultado de um encadeamento de processos. O desenvolvimento dos processos se dá num movimento “em espiral”, resultado de um autodinamismo. Mas quais são as leis do autodinamismo? A dialética ensina que todas as coisas não são eternas. Elas têm um começo, uma maturidade, uma velhice e terminam em um fim, que, por sua vez, gerará um novo começo. Por exemplo, observando as células do corpo humano, veremos que estas se renovam continuamente, desaparecendo e reaparecendo no corpo. Vivem e morrem continuamente no ser vivo, onde existe, portanto, vida e morte. Assim, as coisas não só se transformam umas nas outras, mas, ainda, uma coisa não é somente ela própria, mas outra que é sua contrária. **Toda coisa é ao mesmo tempo ela própria e seu contrário.** Em todas as coisas lutam duas forças contrárias, forças internas que movem-se, ora no sentido da afirmação, ora no sentido da negação. Esse movimento gera contradições e destas contradições advêm as mudanças.

Afirmção, negação e negação da negação. Como a mudança dialética advêm das contradições, podemos observar que estas contradições seguem um movimento típico: a afirmação, a negação e a negação da negação. Na sociedade capitalista existem duas classes antagônicas. Uma, a burguesia, que luta para manter a sociedade em seus fundamentos, enquanto outra, o proletariado, tende para a negação da classe burguesa. Mas a burguesia não pode existir sem o proletariado. Ao afirmar-se, a burguesia cria sua própria negação.

A unidade dos contrários. O estudo da dialética nos ensina que em tudo podemos encontrar uma composição de forças contrárias que se interrelacionam e possibilitam as variadas etapas no processo de mudanças que ocorre nas coisas. A isso chamamos a unidade dos contrários, ou seja, a afirmação e a negação coexistindo no mesmo ser, no mesmo momento. É pela pesquisa do movimento de um objeto que podemos descobrir as suas contradições e as possibilidades de transformação. Através das pesquisas descobriremos que uma afirmação absoluta sempre contém a sua própria negação. Só com o estudo das mudanças que ocorrem nas coisas é que podemos nos educar a não julgar as coisas pelas aparências, passando a interpretá-las por variados aspectos, ao contrário do senso comum.

II - O Materialismo Dialético.

Após estudarmos as diferenças entre os tipos de materialismo e a sua própria evolução e as diferenças entre a metafísica e a dialética, agora podemos compreender o significado do materialismo dialético. Marx e Engels, buscando compreender melhor a sociedade de seu tempo, aplicaram os princípios do

materialismo dialético ao estudo da vida social, aplicando esses princípios aos fenômenos sociais e criando, assim, uma nova forma de análise da sociedade: o Materialismo Histórico.

Portanto, o Materialismo Dialético parte da concepção materialista da realidade, para, através do método de análise da dialética, abordar de maneira mais correta e abrangente os mais variados fenômenos e ainda descobrir as leis objetivas mais gerais que regem a sua evolução. Para os comunistas, o materialismo dialético é a base filosófica de análise e compreensão do mundo e da realidade à nossa volta.

II.1 - Fundamentos Teóricos.

O marxismo foi preparado pelo prolongado e difícil desenvolvimento de toda a história humana. Oprimidos pelo peso da exploração impiedosa, as massas populares sempre sonharam com um futuro diferente. Os espíritos mais esclarecidos da humanidade procuraram compreender a história social. Criaram sistemas filosóficos e teorias econômicas, esboçaram o quadro de uma ordem social ideal, na qual se refletiu a fé do povo no triunfo da justiça. Não obstante, o contexto de desenvolvimento das relações sociais e a origem de classe dos filósofos iluministas e dos primeiros pensadores socialistas determinaram o utopismo de tais concepções.

Só em meados do século XIX amadureceram as premissas para o surgimento da concepção comunista científica do mundo. O capitalismo provocou o aparecimento da classe operária que se anunciou em grandes ações revolucionárias na Inglaterra, na França, na Alemanha e em outros países. Ao mesmo tempo, o aumento da produção capitalista deu um grande impulso ao desenvolvimento das ciências, que acumularam dados suficientes para oferecer uma imagem mais elaborada e precisa da realidade do mundo. Estava preparado o terreno para uma nova concepção do mundo.

As fontes teóricas do marxismo foram: a Filosofia Clássica alemã (Hegel / Feuerbach), a Economia Política inglesa (Adam Smith / David Ricardo), o Socialismo Utopico francês (Saint-Simon / Charles Fourier / Robert Owen). Marx e Engels revolucionaram o pensamento alemão ao transformarem as contribuições de Hegel (dialética idealista) e Feuerbach (materialismo mecanicista) numa forma radicalmente nova de analisar a história e a realidade existente: o materialismo histórico.

No domínio da Economia Política, os precursores do marxismo foram os economistas ingleses Adam Smith e David Ricardo. Mostrando que a fonte da riqueza da sociedade é o trabalho, prepararam o terreno para o desenvolvimento da economia política marxista, mas sua análise mantinha-se nos marcos do pensamento liberal, apresentando argumentos em defesa da lógica capitalista de produção e da concentração da riqueza em mãos dos proprietários burgueses. Já os socialistas utópicos do século XIX submeteram a ordem capitalista a uma dura crítica, criando os planos de uma sociedade ideal. Mas as suas doutrinas não indicavam o caminho real para a consecução desses fins. Os socialistas utópicos acreditavam, ingenuamente, que a via para esse regime ideal passava pela instrução da sociedade e pela persuasão moral dos exploradores. Suas doutrinas, no entanto, colocaram problemas que foram ulteriormente elaborados na teoria do socialismo científico. Marx e Engels não se limitaram à obra dos seus precursores teóricos. Reelaboraram de maneira crítica a herança ideológica do passado e criaram, num processo de superação

dialética, uma nova teoria, expressão dos interesses fundamentais do proletariado, a classe mais avançada e revolucionária. Desta maneira, os fundadores do marxismo imprimiram uma viragem revolucionária no pensamento social. Despojaram a teoria social de idéias falsas, de representações fantásticas e de esquemas utópicos: a ideologia comunista orientou-se para o estudo das leis objetivas do desenvolvimento histórico. Transformaram a teoria social em ideologia do movimento proletário de massa, retirando-a dos calmos gabinetes, patrimônio da “aristocracia do espírito”, para os vastos campos das batalhas de classe pelos interesses dos trabalhadores. Superaram o caráter contemplativo do pensamento social, o divórcio entre a teoria e a prática, dotando os trabalhadores de uma arma ideológica poderosa para transformar o mundo.

II.2 - As partes integrantes do marxismo.

A transformação da sociedade, segundo os princípios do comunismo, exige a concepção científica do mundo. Por isso, uma das partes integrantes essenciais do marxismo é a **filosofia**, ciência das leis mais gerais do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do conhecimento.

No entanto, não basta conhecer as leis gerais do desenvolvimento histórico para compreender por que um regime social é substituído por outro. Dentre o conjunto de relações sociais, as relações econômicas, ou relações de produção, ocupam posição determinante. Sem estudá-las, não é possível encontrar a resposta para a questão de como chegar ao socialismo e ao comunismo. Precisamos, por isso, de outra importantíssima parte integrante do marxismo, a **economia política**, a ciência que estuda o desenvolvimento das relações de produção.

A terceira parte integrante essencial do marxismo é a análise da realidade à luz do **comunismo científico**, que, partindo da filosofia e da economia política marxistas, prepara o proletariado para lançar-se às lutas necessárias ao aparecimento e desenvolvimento da sociedade comunista.

O pensamento marxista não se limitou a impulsionar a filosofia, a economia política e a doutrina do socialismo. Realizou uma revolução em todas as esferas do conhecimento da sociedade: nas ciências históricas, na ética, na estética, etc. Por isso o **materialismo dialético** é um sistema coerente de pontos de vista científicos sobre as leis gerais que regem o desenvolvimento da natureza e da sociedade, sobre as possibilidades históricas e concretas da revolução socialista e as vias para a edificação do socialismo e do comunismo. Assim, estudando a filosofia marxista, a economia política e a teoria do comunismo científico, é preciso perceber que representam um sistema unitário: todas as partes integrantes do marxismo se encontram intimamente entrelaçadas. Entre as numerosas obras dos fundadores do marxismo-leninismo não há nenhuma que possa considerarse “puramente” econômica ou filosófica. A filosofia serviu-lhes de método de análise integral das relações sociais, e sobre esta base retiraram as conclusões políticas. Por sua vez, o estudo profundo da economia e da política ofereceu novo e abundante material para a síntese filosófica.

II.3 - Teoria criadora em desenvolvimento

Nenhuma teoria pode dar resposta cabal a todas as questões e prever, antecipadamente, todas as incidências da vida. A realidade que nos rodeia desenvolve-se sem cessar, e o conhecimento humano enriquece-se continuamente. Se a teoria não tem em conta os fatos novos, transforma-se

num sistema de dogmas inertes, divorcia-se da vida e torna-se inútil, nociva até, ao não buscar produzir um quadro fiel da sociedade. Por isso, a teoria deve apoiar-se sempre na prática, na vida real. Goethe dizia com razão: “Toda a teoria, caro amigo, é cinzenta, e verde é a árvore frondosa da vida”.

Todas as tentativas de criar uma teoria universal acabada estavam, de antemão, condenadas ao fracasso. Com o passar dos anos, essas teorias extinguíram-se com a época que lhes deu vida, passando à história, juntamente, com a classe cujos interesses expressavam. A doutrina marxista difere, pela sua natureza, das teorias que a procederam. “O marxismo não é um dogma morto, mas um guia para a ação”, dizia Lênin. Os princípios da teoria marxista enriquecem-se continuamente com a experiência do desenvolvimento social e as novas conquistas sociais e culturais da humanidade. O marxismo é uma teoria criadora em desenvolvimento.

No limite entre os séculos XIX e XX, a história entrou numa nova época. Lênin analisou profundamente a experiência prática da nova época histórica e o significado filosófico das grandes descobertas das ciências naturais, enriquecendo a doutrina de Marx com idéias novas. Deu um impulso à filosofia marxista, investigou as leis do imperialismo, fase superior do capitalismo, elaborou a teoria da revolução socialista, a estratégia e a tática do movimento operário internacional, a doutrina sobre o partido. Lênin desenvolveu o marxismo elevando-o a um novo nível, razão pela qual falamos de marxismo-leninismo. Novas condições exigiram o prosseguimento do desenvolvimento do marxismo-leninismo, tarefa que é realizada, coletivamente, pelos partidos comunistas do mundo.

Bibliografia utilizada:

Politzer, Georges: **Princípios Elementares de Filosofia**; 9ª edição- edições Prelo-1979.

Konder, Leandro: **O que é dialética**; 1ª edição: Abril Cultural , Brasilienses, Coleção Primeiros Passos- 1985.

Chakhnazárov, G. e Krássine, Iú: **Fundamentos do Marxismo-Leninismo**; 1ª edição: Edições Progresso, Moscou-URSS; 1985.

QUESTÕES:

a) Qual método de análise e intervenção na realidade é utilizado pelos comunistas?

Qual a sua importância e seu papel na luta revolucionária?

b) Quais são as questões fundamentais colocadas pela Filosofia?

c) Como se estabeleceu, na história, o debate entre idealistas e materialistas?

d) Quais as diferenças centrais entre o materialismo mecanicista e a visão dialética de mundo?

e) Quais são as bases do pensamento metafísico?

f) Qual a grande contribuição de Hegel para a Filosofia?

g) Como Marx e Engels trataram as contribuições teóricas de Hegel?

h) Como foram trabalhadas as formulações dos economistas liberais ingleses e dos socialistas utópicos?

i) Quais os fundamentos teóricos do materialismo dialético?